

# Blumenau



## em cadernos

TOMO XXV

Janeiro de 1984

Nº. 1

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

IND. E COM. DE CONFECÇÕES BLUMALHAS LTDA.

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

### **COLABORADORES ESPONTÂNEOS**

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

COMERCIAL MOELLMANN S/A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Janeiro de 1984

Nº 1

## SUMÁRIO

Página

A História de Blumenau Revela: .....	1
XII — Valata de Azambuja .....	4
Aconteceu... Dezembro de 1983 .....	8
Após 100 anos, carta retorna a Blumenau ..	10
Blumenau e a proeficiência cristã do intelectual Nestor S. Heusi	12
Um exemplo de escotismo .....	14
Autores Catarinenses .....	16
Cinema em Blumenau .....	18
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau .....	21
Diário de Viagem do Imigrante Paul Schwartzer .....	29

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 2.500,00

Número avulso Cr\$ 200,00 -- Atrasado Cr\$ 250,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 3.000,00 mais o porte Cr\$ 2.000,00 total Cr\$ 5.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# A História de Blumenau revela:

USO INDEVIDO DE ASSINATURAS PARA SEGUNDA FINALIDADE GERA ABAIXO ASSINADO DE PROTESTO ENVIADO AO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA.

(Dos arquivos históricos da Baixa Saxônia)

“Ilmo. e Exmo. Snr.:

Os abaixo assinados, moradores da parte do distrito de paz da Colônia Blumenau, que é sita entre a povoação da mesma e o antigo arraial do Belchior, e em grande parte oriundas de antigos habitantes da mesma colônia, ficaram no distrito dela, desmembrados e incorporados á nova Freguesia de S. Pedro Apóstolo pela lei provincial nº. 509 de 25 de Abril do corrente ano.

Esta incorporação é inteiramente contrária aos desejos e interesses dos abaixo assinados e eles vêm pois implorar tão respeitosa quão encarecidamente.

“V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. queira suspender o efeito da mencionada lei, quando se refere ao pequeno distrito de terra, habitado pelos abaixo assinados, até que pela Assembléia Legislativa da nova Freguesia, hoje ainda incertos e até duvidosos”.

Este distrito se estende na banda do Sul, do rio Itajaí Grande desde o limite entre as terras de Luiz Scheeffe e Pedro Wagner, que conforme a citada lei ao mesmo tempo deveria constituir o limite ocidental da nova freguesia, até a boca do regato, que deságua abaixo de Augusto Herbst, e no banda do Norte desde a terra de Daniel Schneider até o limite entre Brandes e Manoel Francisco de Oliveira, quase defronte do mencionado Augusto Herbst.

Esta extensão, que abrange em linha reta pouco mais ou menos uma meia légua, e, ao longo das circunvidades do rio, pouco mais ou menos 2.300 braças, neste momento é habitada por 25 cabeças de casal com suas famílias.

Treze destas cabeças se derivam da referida Colônia, 23 são de nacionalidade alemã e pertencem ao mesmo tempo á religião evangélica, entretanto que somente duas delas são de origem brasileira-lusitana sendo ainda uma destas casada com mulher alemã.

Morando agora os abaixo assinados imediatamente ao pé ou

**MAFISA** Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

na mais próxima vizinhança da povoação da Colônia Blumenau, tem ali ao mesmo tempo a maioria dos seus amigos e parentes; eles assistem ali ao culto de sua religião e estão em relações e negócios continuos, semanais e diários, com os habitantes da mesma colônia. Segundo a natureza das causas com maior probabilidade lhes caem também em conflitos policiais ou civis somente entre si e os habitantes da Colônia Blumenau, ficando-lhes ali mais próximo e menos incômodo a impetração do seu direito; e como as autoridades da dita Colônia além da língua nacional também entendem alemão, que é a única, que a maior parte dos assinados conhece, estes se acham garantidos do perigo, de ficarem expoliados dos seus direitos pela incapacidade ou até mal honestidade de algum intérprete.

Os abaixo assinados se acham pois ligados á Colônia Blumenau por todos os laços e interesses e vivamente desejando de também no futuro ficarem pertencentes ao distrito de paz e subdelegacia da mesma, imploram a proteção e benévola intervenção de V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. para alcançarem este seu desideratum.

Com a melhor boa vontade, os abaixo assinados prestarão as suas firmas para apoiarem perante a Assembléia Legislativa Provincial o desejo, de que fique criada uma nova Freguesia no lugar "Gaspar", mas nunca foi de sua intenção, de ficarem desmembrados do distrito da Colônia Blumenau e incorporados á nova Freguesia, tão pouco como pressentiram, em que suas firmas haviam de ser aproveitadas, para servirem de expressão dos seus desejos, á pertencerem d'ora em diante para a nova Freguesia. Os portadores da petição concernente declararam aos abaixo assinados, dos quais quase ninguém sabe ler e escrever na língua nacional, que não se tratasse, senão da edificação de uma igreja no Gaspar e instalação de um padre, pedindo, que com suas firmas apoiassem tal pedido. Se pois, estas assinaturas foram aproveitadas, como se diz, para servirem como expressão dos desejos dos abaixo assinados, á pertencerem para a nova Freguesia, assim se fez de maneira desleal e insidiosa conforme o jesuítico principio, de que o fim justifique os expedientes, e assim se fez contra a expressa vontade e desejo dos abaixo assinados, que formal e solenemente protestam contra que jamais houvessem tido ou apoiado os desejos acima mencionados.

E para que não se diga, que as assinaturas, que abaixo se seguem por alguns interessados fossem captadas e aproveitadas contra as verdadeiras intenções dos abaixo assinados, estes ousam, se dirigir à V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>. com a presente petição em língua alemã, que sabem ler e escrever, acompanhando-a uma tradução autêntica.

Deus guarde á V<sup>a</sup>. Ex<sup>a</sup>.

Colônia Blumenau, 15 de novembro de 1861."

(Seguem no original as assinaturas.)

## Ocupação da Linha Colonial

Após o início dos estabelecimentos dos colonos italianos na Linha Colonial Dr. Bernardo Nascentes d'Azambuja, deu-se a fundação de uma sociedade com fito de erigir uma Capela em honra a N. Sra. de Caravaggio. A Capela foi o primeiro passo para determinar o destino da Valata como centro religioso, educativo e assistencial para uma população carente de recursos, reduzida ao amparo da iniciativa privada. O documento aqui apresentado, posse do Arquivo Histórico D. Jaime Câmara, narra a solidariedade de algumas famílias em realizar o sonho dos imigrantes. O original, 5 folhas manuscritas, em Italiano, foi escritor por Ângelo Bosco, um dos pioneiros do lugar e sacristão da Capela durante o período de Pe. Antonio Eising. A compreensão deste relato amplia as informações sobre a colonização italiana em nossa região. Sua tradução e análise ficarão para outra oportunidade.

**Prof. Aloisius Carlos Lauth**

### "MEMORIA"

#### I — Azambuja, Aprile e Maggio del 1885

Le famiglie Partide del Distrito di Treviglio il 22.8bre 1875 Per Amigrare al Brasile Dopo che furono imbarchatte at Havre Faccero consilio tra di loro che (...) poterano stare unite tutte

Faccerano una piccola Chiesetta o Capella in onnore a la Madona Di Caravaggio Dunque arivatti al Brasile andarono nella provincia di S. Catarina e fecero limpossibile per potere restare unitti ma non vi fú il mezo per il motivo che "alguni" non li piaceva unna Valatta e alcuni non li piaceva laltra e poi non Viera il mezo da comodarsi tutti in unna sol Valatta e per questo furono Costretti a Comodarsi secondo la como-



Santuário Nossa Senhora de Caravaggio — 1982

dita e ci dipartirono quasi tutti parte per l'argentina e parte tornarono in Patria e parte per le altre provincie del Brasile e quelli che Ristarono furono quelli de la Valata Azambuja ma questi erano pochi per fare una Capella ma con la jutto di alcuni altri socci che in tutti furono 9 nove Famiglie Faccero la dessideratta Capella de la grandezza di trentasci metri e (...) centimetri quadrata e la faccero de matuni perche la st (...) rono piu sicura e d(...)neno espesa per il muti-

vò che faccero tutto (...) cioè Tiglie e (...)

Relazzione dei Coloni de la Valata Azambuja che in Aprile Maggio del 1885 d'acordo tra di loro Faccero la piccola Chiesa Nella sú detta Valata dedicata alla B. V.m di Caravaggio.

1º. Colzani Pietro li fecece dono del fondo gratis per la su Detta Chiesa con la piccola Piazzetta davanti e il luogo per fare la sacrestia e un metro tutto all'intorno al difuora. E di piu fú soccio in lavoro e spese come i sotto seritti tutto a gratis.

2	Tomasini Girolamo	Lavoro e spese gratis
3	Colzani Angelo	Lavoro e spese id
4	Benaglio Paolo	Lavoro e spese id
5	Bosco Angelo	Lavoro e spese id
6	Leoni Francesco	Lavoro e spese id
7	Franciosi Carlo	Lavoro e spese id
8	Dalmazio Paoli	Lavoro e spese id
9	Fú Valolli Antonio	Lavoro e spese id

## II — Societta

I Nove socci sotto seritti stabilirono che Nessuno Fuora socci puo essere eletto per Fafriccere de la sú detta Capella se non sono tutti contenti quando unno dei socci non é contento e che otto sono contenti non si puo amarterlo. Nol detto caso si accetta per socci unno quando fa lo sborso di (...) Milreis a la Chiesa o Capella Nelle mane dei fabriccere che questi poi Verano spesi secondo il Bisogno de la Chiesa, e in caso che un soccio muore ogni chi che sia unno dei suoi credi intra nella soccietta se pure Vora entrare ma non potra dare il voto ne essere amesso per fabriccere se non avra venti anni compitti e che sia anche un buon

divotto de la Capella questo poi Verá giudicatto dai consilieri sempre il numero maggiore, per consiliere si accetta ache i figli dei socci mentre però che abbiano compitti i venti anni e anche si puo acetare per consiliere un colonista chi unque de la nostra Religione ma con il Patto che quando vi e una spesa da fare per la Capella e che si deve farla in soccietta, anche questi devono stare in soccietta tanto in Lavoro come in denari, e di piu poi Nel Caso che unno dei socci Muore e che non avra figli maggiori da venti anni e che quella famiglia avra un tutore e che non é nella soccietta si potra metterlo in soccietta fin che un figlio del defunte intra in eta maggiora.

### III — Il quadro de la Madona di Caravaggio

I sotto seritti coloni de la linea Azambuja Colzani Pietro, Benaglio Paolo, Tomasini Girolamo, Bosco Angelo, Leoni Francesco, Colzani Angelo, Vanolli Antonio, Franciosi Carlo e Pacchi Damasio Fin dal 1876 consiliarono tra di loro da fáre una Capella nella Colonia di Colzani Pietro che lui chiedava il fundo a gratis per la Capella con il patto che se la Capella viene distrutta di qualche sinistro avvenimento la Tera resta ancora sua o dai suoi aredi come dava il caso cioè il detto Fundo restara ancora da Colzani Pietro o suoi aredi. I sú detti Coloni l'anno 1876 Principiarono a fare lo spazzio per la Capella e poi in un momento Tutto fu nulla sollo che quando si poteva fare Tutti li anni si fara un consilio ma sempre si conchiudeva niente, ma la prima domenicha di Novembre dell'anno 1884 fu fatto un nuovo consilio dai sú detti Coloni e determinarono da farla di matuni como ogi si vede dunque a li ultimi di novembre 1884 diedero mano li matuni e tiglie e in Meno de due mesi furano fatti e in marzo dell'anno 1883 furano cotti nella fornacce e ai primi di Maggio la Capella erra terminatta sollo maneava lo smatto e di stabelirta e al 20 Maggio 1886 la Capella erra smaltata e sbiancata e anche Fatto il Tabernacolo e la nicce sopra laltare como ogi si vede e piú tarde

poi Colzani Pietro Fece altre quatro niche due nei Fianchi a destra e sinistra e due lateralle contenente il sacro cuore di Gesù, e di Maria e nella nichia sopra laltar cié il quadro de la Madona di Caravaggio con la Beatta Giovinetta che fú regalatta di Dna. Bianca Brambilla Maritata al Conte Melzi di Milano, E Fatta di sue proprie manno.

### IV — I coloni in 30 Mggio 1887

Relazione dei Coloni de "la Valatta" Azambuja che D'acord/ do tra di loro Feccero la piccola chiesa Nella sú detta Valatta dedichata alla B. V. di Caravaggio

I sotto seritti coloni de la Valatta Azambuja "fên" dalla sua partenza D'italia pensarono di fare unna piccola chiesa dedichata alla Madona di Caravaggio, subito dopo stabiliti nelle sue Colonie, ma di 35 famiglie che partirono restarono 5 unitte e con la giund(...) di altre 4 famiglie adenpirono al suo votto cié voluto, piú lungo tempo ma il suo Desiderio e dovere e compiuto e il Giorno 24 Aprile 1887.

Fu Benedetta dal

R. Padre Marcello Rocchi SJ  
Con Aggiunto il R. Padre Giovanni Fritzen Parocho

Il Coloni sono i "seguenti" tutti con lavoro

1º Colzani Pietro li fece dono del fondo a gratis per la sú detta Chiesa con la piccola piazza davanti e il luogo per fare la sacrestia e un Metro tutto all'intor-

**CIA. HERING** O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.



no al di fuori della Chiesa con patto che se il Governo vuole in Padronirsi o altri sinistri avvenimenti la terra e sempre di Colzani Pietro o suoi eredi

- 2 Tomasini Girolamo
- 3 Benaglio Paolo
- 4 Colzani Angelo
- 5 Bosco Angelo
- 6 Leoni Francesco
- 7 Franciosi Carlo
- 8 Paoli Dalmazio
- 9 Vanolli Giovanni, fú Antonio

Brusque, il 30 Maggio 1887

**V — Azambuja li 25 Xbre 1889**

Registr. Livro do Tombo de Azambuja, fls 2, num 1  
P G. Lux, adm.

Elenco dei soci che concorsero ad erigere detta Chiesa

CONCESSIONE DI TERRA FATTA DA CONZANI PIETRO ALLA PICCOLA CHIESA DELLA MADONA DI CARAVAGGIO IN AZAMBUJA

Il sotto scritto Colzani Pietro concede il fondo a gratis per fare la suddetta Chiesa compreso la Sagrestia, e la piazzeta davanti ed un metro tutto all'intorno dell'esterno di detta Chiesa a patto ossia a condizione che dovesse succedere qualche sinistro avvenimento contro la Chiesa il fondo sia sempre dil Concessionario o suoi Eredi

Colzani Pietro

COGNOMINAZIONE DEI SOCI		Osservazioni
1. Colzani Pietro	5. Vanoli Giovanni	Di fú Antonio D fú Carlo
soci concessionario	6. Franciozi Batista	
2. Bosco Angelo	7. Colzani Angelo	
3. Leoni Francesco	8. Tomasini Girolamo	
4. Benaglio Paolo	9. _____*	

Obs. \* falta Paoli Damasio

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

— DIA 1º. — Foi assinado, entre a Prefeitura de Blumenau e a FURB, um convênio objetivando a cooperação mútua para desenvolvimento da piscicultura no município. O Prefeito Dalto dos Reis, na ocasião declarou que deseja que o posto de piscicultura existente no bairro da Escola Agrícola se transforme numa estação modelo para a criação de diversas espécies de peixes criadas na região, como a tilápia, carpa e o camarão pitu.

\* \*

— DIA 4 — Chuvas torrenciais caídas desde as primeira horas da manhã, impediram que o calçadão de Natal, programado para este dia, alcançasse o êxito esperado. Assim mesmo, grande foi o número de famílias que, enfrentando o mau tempo, compareceram à rua 15 de Novembro para prestigiar uma das mais belas e oportunas iniciativas de cunho social adotadas pelo prefeito Dalto dos Reis e realizadas por suas diversas assessorias.

\* \*

— DIA 5 — Às 19 horas o prefeito Dalto dos Reis acionou a chave que deu à rua 15 de Novembro a iluminação festiva de Natal, tendo sido acesas cerca de 30 mil lâmpadas, com o que criou-se um novo e muito bonito panorama festivo como preparativo para as festas de Natal.

\* \*

— DIA 6 — Por volta das 24 horas, desabou tremendo temporal nas cabeceiras do ribeirão Garcia, fazendo com que as águas daquele afluente do Itajaí Açú subissem assustadoramente e, com grande violência, trazendo toda sorte de carga perigosa em madeira, troncos de árvores e outros objetos, se atirassem contra numerosas residências, após abandonar o leito, causando trágicos efeitos, e com a destruição parcial e total de centenas de casas, automóveis e outros bens. Foi uma verdadeira tragédia que a população do Garcia e de todo município assistiram estarecidos.

\* \*

— DIA 6 — Do relatório da Secretaria de Agricultura entregue ao prefeito Dalto dos Reis, sobre atividades desenvolvidas no mês de novembro, constam que a granja São Simeão, mantida pela SEAGRI, doou 5.275 quilos de verduras, 300 quilos de bananas, 760 dúzias de ovos, entre a Promenor, Casa da Esperança, Lar dos Meninos, Centros Sociais, creches e escolas da rede municipal de ensino. Na assistência à lavoura, foram beneficiadas 225 propriedades rurais de 10 localidades do interior do município através de trabalhos da Patrulha Mecanizada. No horto florestal foram distribuídas 5.525 mudas de árvores de diversas espécies. Ainda em novembro foram aplicadas 119 ampolas de sêmen em matrizes de variadas raças, na inseminação artificial, tendo os vacinadores percorrido 567 proprie-

dades onde efetuaram a vacinação de 64 animais e prestaram vários outros tipos de atendimento a 998 cabeças de gado.

\* \*

— DIA 6 — O prefeito Dalto dos Reis presidiu a solenidade de encerramento dos Clubes de Mães, vinculados aos 29 centros sociais da prefeitura, solenidade esta que, a exemplo dos anos anteriores, teve lugar no Teatro Carlos Gomes, tendo participado da mesma cerca de 700 mães. Várias homenagens foram prestadas pelo trabalho desenvolvido em favor da comunidade por estas senhoras que tanto ajudam nas soluções dos problemas sociais do município.

\* \*

— DIA 9 — Em solenidade realizada no salão nobre da prefeitura, presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, presentes assessores convidados e a imprensa foi entregue, pelo sr. Eduardo Cordeiro Lanis, representante da Coca-Cola e em presença do sr. Hercílio Aldo da Luz Colaço, da Companhia Catarinense de Refrigerantes, o cheque de Cr\$ 4.000.000,00 (quatro milhões de cruzeiros), destinado a auxiliar a Fundação "Casa Dr. Blumenau" nas despesas com restauração e recuperação do seu patrimônio duramente atingido pelas enchentes de julho. O cheque foi transferido, a seguir, pelo prefeito Dalto dos Reis, para o sr. José Gonçalves, diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau" para ser utilizado nas finalidades para as quais foi destinado.

\* \*

— DIA 12 — Em solenidade realizada no auditório da FURB, às 17 horas, o prefeito Dalto dos Reis assinou Decreto através do qual transferiu, para a administração da FURB, o ginásio coberto "Sebastião Cruz", o Galegão, que a partir desta data, passou a ser administrado pela Faculdade de Educação Física daquela Fundação Universitária.

\* \*

— DIA 13 — Nesta madrugada Blumenau foi assolada por violento temporal, com ventos de cerca de 100 quilômetros horários e chuvas torrenciais. Os bairros mais atingidos foram: Garcia, Velha, Ponta Aguda, Itoupava Norte e Vorstadt. Várias casas foram destelhadas, houve desmoraamentos e causou uma vítima: o operário Manoel Soares, de 39 anos, que ficou soterrado nos escombros de sua casa, na rua Araranguá. Várias casas foram destruídas. O prédio da nova prefeitura sofreu inúmeras avarias, tendo sido arancadas ainda milhares de telhas. O prefeito Dalto dos Reis decretou "estado de emergência".

\* \*

— DIA 16 — Nova tragédia causada por chuvas torrenciais se abateu sobre Blumenau às 22 horas deste dia. As maiores precipitações aconteceram nos altiplanos do bairro Garcia, área do Spitzkopff, tendo avolumado assustadoramente as águas do ribeirão Garcia que,

saindo do leito, lançou-se contra centenas de casas, levando consigo entulhos, madeira, etc., causando enormes destruições. Os prejuízos são incalculáveis. Uma verdadeira tragédia para centenas de famílias residentes próximas às margens do ribeirão Garcia. Sabe-se que o mesmo drama também viveram populações de Florianópolis e em algumas partes do litoral catarinense.

\* \*

— DIA 17 — Em solenidade presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, acompanhado pelo Secretário de Educação, prof. Carlos Piseta e numeroço público, foi inaugurada a nova ala da Escola Municipal "Fernando Ostermann", localizada no bairro Boa Vista. A nova ala inaugurada possui 1.012 metros quadrados, capacitando-se para atender 200 alunos. Diretores do Chase Banco Lar Brasileiro, que contribuiu com 7,5 milhões de cruzeiros para estas obras, também estiveram presentes ao ato, tendo os mesmos prometido ao chefe do Executivo Blumenauense colaborar com o seu estabelecimento com mais 3 milhões para a compra de material escolar.

\* \*

— DIA 20 — Em reunião com o seu secretariado, o prefeito Dalto dos Reis foi informado que a enxurrada que assolou a cidade, principalmente o bairro Garcia, na madrugada do dia 16, ocasionou o prejuízo de 1,8 bilhões somente com danos de obras públicas.

\* \*

— DIA 22 — A equipe de jornalismo do Jornal de Santa Catarina, que conquistou o Prêmio Esso de Jornalismo Regional Sul, com a série de reportagens sobre as enchentes de julho, recebeu da Esso Brasileira de Petróleo o prêmio a que faz jus, em solenidade realizada às 18 horas no Teatro Carlos Gomes.

\* \*

— DIA 28 — De acordo com estatística publicada pela imprensa (JSC), cerca de mil flagelados foi o saldo das enchentes e vendavais que em 1983 assolaram Blumenau. Só no bairro Garcia, somam-se 110 famílias.

---

## APÓS 100 ANOS, CARTA RETORNA A BLUMENAU

Uma série de cartas históricas - escritas por colonos blumenauenses, entre 1861 e 1869 - foi encontrada junto ao sr. Gerd Kramer, de Halle - Neustadt, na República Democrática Alemã.

O sr. Kramer, amigo filatélico do sr. Alfredo Wilhelm (correspondente em idioma alemão

da Prefeitura), em breve doará estas cartas ao "Arquivo Histórico" de nossa cidade.

Uma destas cartas - escritas em novembro de 1883, há 100 anos portanto - reproduzimos aqui pelo seu valor histórico, narrando a vida simples, difícil e às vezes trágica dos primeiros colo

nos de Blumenau, e neste caso, também sobre os horrores da enchente de 1880.

Eis a carta:

“Colônia Blumenau,

10 de novembro de 1883

Cara irmã e caro cunhado:

Decerto estarão admirados, em receber uma carta de minha parte. Achava sempre, que o Franz é que deveria escrever - pois ele sabe escrever muito melhor do que eu - mas como ele nunca começou, tomei eu a iniciativa, pois estou certo, que você - minha cara irmã - gostaria de saber como está passando a sua mãe. Tomara que o meu caro cunhado, não se ri demais sobre a minha maneira de escrever, pois faço-o com as minhas melhores intenções.

Acabamos de passar por longos anos e bastante difíceis: A péssima saúde da mãe e os grandes estragos causados pela enchente de três anos atrás (1880). As águas alcançaram tamanha altura, que todos nós tínhamos de abandonar as nossas casas e refugiar-nos nas igrejas, construídas nos morros. Nós vivemos três dias na igreja católica. Foi uma confusão das mais coloridas - alguns dormindo nos bancos da igreja e outros, que trouxeram alguns jornais, dormiram no chão.

Só depois que as águas baixaram, aí é que vimos os estragos causados. Na nossa casa, as paredes divisórias feita de barro, desmoronaram-se. A casa do nosso vizinho, construída apenas há um ano (de alvenaria), caiu

causando também estragos no telhado de nossa casa. - O nosso chiqueiro, juntamente com os três porcos, foram levados pelas águas. E muitas outras coisas as águas levaram, como todas as cercas e táboas até casas inteiras. Muitas foram as famílias, que perderam os frutos de longos anos de trabalho.

Para nós em especial, a enchente trouxe muitas preocupações e imprevistos. - Há oito dias, outra vez em nossa casa, tivemos de dormir no sótão, pois a parte de baixo estava ainda toda úmida. Por muitos dias continuava a cair uma chuva fina e as casas só secavam lentamente. Estava justamente limpando as portas, todas muito sujas de lama, que a mãe foi ao sótão com uma bandeja para buscar farinha, é que ouvi um estouro atrás de mim. Olhando, vi a mãe, que tinha caído da escada. Ela escorregou com seus tamancos de madeira, pois os chinelos de couro se estragavam nas águas.

Ela teve que ficar por muito tempo acamada e por mais de 10 semanas, dia e noite, eu tinha de tirar a água dela. Imaginem o trabalho que passei: Toda a lavoura estava arruinada e tudo tinha que ser plantado novamente.

O pai com todo o trabalho que teve após a enchente, e sempre andando descalço na lama ficou doente - Hidropisia. Foram três meses de muita tristeza. Embora ele estivesse sempre com apetite, não podia comer nada — perigando a morrer de fome. —

**HABITASUL** É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.

Foi em 6 de dezembro de 1881, que ele veio a falecer — com 76 anos e 11 meses de idade.

Vivo agora com a mãe e meu filho. Os pais tinham ainda algumas centenas de milréis aplicadas a juros. Uma parte tivemos se gastar após a grande enchente e a outra parte após o falecimento do pai, e que deixou a mãe em alto estado de depressão. Tínhamos que chamar um de seus irmãos para ajudar. Ela teve constantes ataques, afirmando que lhe davam comida envenenada. Um dia ela não comeu, nem bebeu nada, entre as 10 horas da manhã e as 11 horas do dia seguinte. Todos os conselhos e pedidos foram em vão, até que eu disse: Mãe, eu cuidei de você em tantas doenças. Será que eu, só uma vez, lhe dei uma comida

ruim ou estragada. — Foi aí, parece, que ela recuperou por uns momentos a consciência e disse: Dá cá, eu quero comer.

Cara irmã, imagina o que a gente estava passando. Veja, o meu marido, já há mais de dez anos está internado num manicômio no Rio de Janeiro.

A Colônia de Blumenau, no entanto, progrediu muito. Já temos até uma fábrica de fiação. E agora também será construída uma estrada de ferro.

Por motivo de doença, só tempos mais tarde pude despachar esta carta.

Muitos abraços para você, teu marido e filhos,

Augusto Wackernagel  
e meu filho Karl."

(Tradução de Alfredo Wilhelm)

---

## Blumenau e a proficiência cristã do intelectual Nestor Seara Heusi

Valfrido Piloto (Da Academia Paranaense de Letras)

(Extraído da "Gazeta do Povo" de 24-12-83)

Há uma quase inefável serenidade, mas, na certa, uma sutil delicadeza neste jornal, quanto à escolha de quem vá cobrir espaços tão caros, e azucrinar leitores tão pressurosos. Se é aceito para colaborador é porque o dito cujo tem dizeres de bom vernáculo e útil pensar - norma em que devo algumas condescendências, em se tratando de veteranos. Um destes, porém, que é o experimentado Nemésio Heusi, não retornou a não ser sob o prestígio dos seus méritos de excelente comen-

tarista, em torno dos quais, outrora, brigavam os grandes diários, quando ele comandava uma bisbilhotante agência de notícias - a "Pargas", do Rio. Há velhos difíceis de aturar, mesmo de mistura com todo novidadismo em que se esmera, diariamente, a "Gazeta do Povo". Mas aquele nos brinda até com sobras pelo telefone...

Não recrimino esse último aspecto do jornalismo de Nemésio Heusi, e mesmo procuro, sôfrego, sua colaboração na revista "Blumenau em Cadernos", onde

a direção do primoroso homem de imprensa, romancista e museólogo José Gonçalves se dá ao prazer de já estar publicando, aos poucos, o segundo volume da internacionalmente consagrada obra de Nemésio: "História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador".

Diga-se, é isso todo um recruzar de jornalismo e romance, a somar-se às atividades da Fundação "Casa Dr. Blumenau" e respectiva Biblioteca Pública e mais o Museu e o Parque Botânico, etc. Nada vence, por aquelas paragens do Itajaí, a febre intelectual, e esta "sobrenada" a quaisquer enchentes sequiosas de sensacionalismo. Nenhum daqueles teimosos se afogará de medo, seja, mesmo, em vales aristocráticos como o do Tietê, pois Enéas Athanázio editou na Paulicéia o "Meu Chão" (1981), e, por lá, o julgamento foi, em geral, o emitido na querência barrigaverde, pelo mestre em críticas desse gênero, o nosso querido Nereu Correia: "Enéas Athanázio é um escritor que recria o dialeto regional ao nível da linguagem literária sem incidir nos exageros do léxico nativo e no excesso de estilização" ("Blumenau em Cadernos", tomo XXII, ns. 11-12, 1981).

Mas voltemos nosso mergulho até Nemésio Heusi, porque aí está um ponto de que muito necessita a insensibilidade humana: o da fraternidade. Abre-nos os braços, como se assistíssemos a espetáculo extraterreno, um outro escritor e, mais do que isso, poeta, e, além disso, respeitável homem de empresa e patriarca

familiar, dotado de comoventes, arrebatadores atributos: Nestor Seara Heusi. Nascido em Itajaí, como Nemésio, o coração e a perspicácia de Blumenau os absorveram, batizando-os como filhos seus, desde gurisotes aos píncaros da glóriosa nevada anciã a cobrir-lhes, intrujosa, as mocidades recalitrantes.

Nestor fez 80 anos a 25 de fevereiro último, e quando Fernando e Edith, Paulo e Glorinha, Telmo e Gilka, Rubens e Darcy, e os filhos de todos, supunham estar fazendo uma festa familiar, aconteceu-lhes despencar sobre eles toda uma cidade eufórica de amor e reconhecimento. Foi aniversário magistral: os jardins blumenauenses e das redondezas tiveram uma imarcescível hora de florescência. E como não era de bastar, a 30 de novembro p. passado novamente se aprestou a cidade, para conferir a Nestor Seara Heusi uma cidadania especial, mais do que pelos seus sessenta e quatro anos de serviços àquela terra e ali haver constituído toda sua numerosa e ilustre descendência, mas, notadamente, pelo multivário, contagiante, incisivo exemplo moral que ele corporifica.

Nos seus "hígidos e rígidos" quase 81, — e assim ele próprio se apalpa e sente —, Nestor Seara Heusi configura acrisolado patrimônio para todas as comunidades que o têm conhecido. Foi, ele, sempre, um gigante de sabedoria e retidão, de zelo sob os mais diversos aspectos e de amor sob todos os infinitos e redentores feitos. Quando, há anos, se apo-

**BLUMALHAS** Com as excelentes confecções que produz, projeta o nome de Blumenau exportando para as Américas.

sentava, como um dos chefes da Estrada de Ferro Santa Catarina, já a Hering sobrepunha à consagração ali recebida por ele, o empenho de querê-lo para si, e o categorizou no Conselho Consultivo e depois no Conselho de Administração, um dos maiores da estirpe daquele monumento, daquela verdadeira universidade de eficiência empresarial, a honrar, cada vez mais, o Brasil.

As atividades intelectuais de Nestor Seara Heusi incluem-se nos livros: "Cabine B-73 — Diário de um turista" (1963), "Um pouco de mim: Da minha vida e do meu trabalho" (1980) e "Poesias Esparsas" (1983). Neles deparamos, exuberante, o homem nitidamente construtivo, fiel aos mais quintessenciados sentimentos a esbanjar, no seu dia a dia, uma

preocupação humilde mas sublime: a de mostrar como o ser humano pode ter distensões prodigiosas, vencendo e dignificando acontecimentos, sem se transviar em vanglórias estéreis e, sim, procurando se situar, conforme a expressão de Montaigne, apenas como "un homme simplement homme" ("Essais", I, Hacchette, 1935, p. 12).

E que Nestor Seara Heusi — cuja correspondência e demais envios estão no sagrado cofre dos meus guardados mais inestimáveis — tem a felicidade de ser um homem de fé, e, à luz dessa riqueza, se tem realizado, tal se fosse convicto divulgador do parágrafo melhor da epístola de Tiago: "A fé, se não tiver obras, é morta em si mesma". (Cap. II, versículo 37).

---

## Um exemplo de escotismo

---

Fernando Mayerle

(Conclusão)

**Desenhar e tomar nota do túmulo mais velho daquele cemitério:**

ORIGINAL:

Hier ruht Wilhem Herman  
Gestorben den 19, juli 1916  
Im Altern von 64 jahren  
Gestifteft von Ehefrau  
Juliane Vekert

TRADUÇÃO:

Aqui jaz Wilhem Herman  
Faleceu em 19 de julho de 1916  
com a idade de 64 anos  
doadada pela sua esposa  
Juliane Vekert

**Escrever sobre o tema:**

— Sou realmente um bom escoteiro?

R.: Quando acho que devo ser bom escoteiro eu sou.

— Eu poderia ser um escoteiro melhor?

R.: Sim. Não mentindo tanto, sendo mais amigo de todos e de tudo.

— O que deveria mudar no meu comportamento, em casa, na escola, no escotismo, com meus amigos?

R.:— Em casa: Ser menos e



goísta com o meu Pai e minha mãe.

— Na escola: Sendo mais amigo de todos.

— No escotismo: Debochando menos dos outros e cumprir mais as leis e a promessa.

— Com meus amigos: Não mentindo e ser mais amigo.

— Faço realmente o melhor possível para cumprir meus deveres para com Deus, a Pátria e o próximo, e cumprir as leis?

R.: Sim.

### **Histórico sobre as Minas da Prata**

O término de nossa jornada foi nas Minas da Prata no pé do morro do Spitzkopf onde foi nos buscar o chefe Guilherme, o chefe Robinso e minha mãe.

Subimos o morro e entramos nos túneis ainda existentes, imaginei que lá houvesse mais minérios com veio de prata.

Na volta para casa conversando com o pessoal sobre a mina, comecei a me interessar por sua história e foi isto que encontrei pesquisando.

Foram descobertas por Frederico Deeke por volta de 1870 que foi "Capitão do Mato" e agrimensor do Dr. Blumenau. Tinha alguns anos de estudo de agronomia na Alemanha e fez um levantamento da região descobrindo então as minas.

Obteve a concessão para explorá-las, mas por falta de maiores recursos não teve sucesso.

Em fins de 1900 segundo um artigo no jornal "Blumenauer Zeitung" de 1913 tentou explorá-la, uma companhia espanhola ou argentina sem resultado algum.

No ano de 1910 o então côn-

sul alemão S. Otto Rohkohl pede a concessão das minas e começa a construção da atual estrada de acesso pois a antiga passava pelos morros do Jordão.

Começa então a extração com benfeitorias, construção de trilhos para o transporte de minério bruto até a fundição.

No jornal "Der Urwaldsbote" de 19 de janeiro de 1974 foi publicado um artigo que diz que se pretendia construir uma estrada de ferro aérea das minas até a estrada de ferro na cidade para transporte de minério.

Por falta de recursos este projeto não foi realizado terminando assim a exploração das minas.

Análises feitas em 1938 pelo Dr. Assis Fonseca em mostras de minério revelou 1,2gr de ouro por tonelada de minério.

Este deve ser o principal motivo de abandono das minas, a pouca quantidade existente de prata e chumbo no solo.

### **Observar e relatar sobre a poluição do Ribeirão Garcia**

O Ribeirão Garcia nasce no Bairro Garcia, mais precisamente no Spitzkopf, nasce limpo livre de esgotos sanitários, impurezas industriais e produtos químicos, etc...

Descendo o Ribeirão um pouco mais, onde começam as primeiras casas, já recebe esgotos sanitários e produtos de limpeza.

Aumentando gradativamente a poluição o Ribeirão vai ficando mais sujo e mais impuro.

Já no coração do Bairro do Garcia onde se encontram muitas casas, pequenas e grandes indústrias, o Ribeirão Garcia recebe detritos de esgotos sanitários, pro-

duto de limpeza, produtos químicos e restos industriais.

Um exemplo de agente poluente artificial é a fábrica Souza Cruz, de onde despeja seus dejetos (óleo de máquinas, restos de combustíveis, derivados da nicotina e outros).

O Ribeirão Garcia daí até sua desembocadura, no Rio Itajaí Açu, é completamente morto, sem formas de vegetação ou animais.

#### **Entrevistar um responsável de uma pequena indústria:**

— Indústria — Madeireira Germer  
— Proprietário — Nelson Germer

— Endereço — Rua Santa Maria n.º. 3223

— Trabalho executado — Marcenaria

— Fabricação — Portas e janelas

— Obra-prima — Madeira

— Local da extração — Do terreno do proprietário

— Máquinas usadas no trabalho — Galopa, Tupia, Furadeira de broca, Furadeira de corrente, Furadeira horizontal, Respiga-deira, Lixadeira circular e uma serra-fita portátil.

— Funcionários — 2

— Meio de transporte — I caminhão.

## **AUTORES CATARINENSES**

*ENÉAS ATHANÁZIO*

### **I — O "CARLOS GOMES" FOCALIZADO EM LIVRO POLÊMICO**

**E**ste será o segundo livro de Edith Kormann e nele está focalizado o período da história de Blumenau que vem de 1921 aos nossos dias. Marca aquele ano a chegada do músico, compositor e regente alemão Heinz Heinrich Geyer e o início de suas atividades no campo da música e que se desenvolveram até a sua morte (1982), numa contribuição constante e incansável em favor da cultura local e cujos reflexos atingiram também outros Estados.

Como pano de fundo deste meticoloso levantamento biográfico do Maestro, está presente a vida da cidade e, mais de perto, a do Teatro Carlos Gomes, centro

cultural de profundas raízes, desde sua fundação. A vida do biografado está sempre reconstituída na circunstância histórica e social do momento, como é, aliás, exigência do gênero.

Sem preocupações estilísticas e literárias, o que a autora deseja é realizar um relato fiel e documentado, expondo suas opiniões de maneira simples e direta. Sua atitude, diante dos fatos, é de uma coragem nem sempre encontrada, declinando suas conclusões sem o menor receio desde que lhe pareçam fundadas. Esse procedimento tem sido uma constante na defesa dos seus pontos de vista, sejam eles manifestados por escri-

to ou oralmente - o que não é ignorado por quantos a conhecem.

Seus posicionamentos poderão ser polêmicos, pelo menos alguns deles. Mas não é possível negar seu trabalho de pesquisa, examinando livros antigos, rebuscando coleções de velhos jornais e revistas, colhendo depoimentos, arrecadando fotografias e documentos. A leitura da obra revela por si só a busca incansável que precedeu a sua elaboração.

Estão neste livro os momentos mais altos da vida artística de Geyer, quando, aureolado pelo sucesso, merecia toda sorte de homenagens. Mas também aparecem os instantes amargos de sua existência, marcados pela incompreensão e a injustiça e que arrancavam de seu peito machucado exclamações repletas de dor. No Maestro que se embevecia com a grande música convive o cidadão preocu-

pado com os problemas de sua comunidade e que enche suas horas de folga dando largas à criatividade e inventando aparelhos úteis e curiosos.

Através de longo contato pessoal e de inúmeras entrevistas, a autora captou também as idéias e as técnicas musicais de Heinz Geyer, sua formação teórica, colaboradoras decisivas, sem dúvida, no seu prolongado sucesso. A maior parte das obras de sua autoria é analisada, detendo-se a biógrafa na exposição e na análise crítica de cada uma delas. Os pronunciamentos de terceiros, favoráveis ou não, merecem a sua atenção.

Trata-se, enfim, de um livro que procura ser completo e ao qual não faltam dois ingredientes indispensáveis ao ensaio biográfico - a simpatia pelo biografado e uma sinceridade que, neste caso, às vezes chega a ser chocante.

\* \*

## II — “MEMÓRIA IMPRECISA”

Com este livro o poeta Joel Rogério Furtado dá uma amostragem selecionada da poesia que vem produzindo e publicando em jornais há vários anos. Embora ele marque sua estréia em livro, o poeta está longe de ser um estreante e seu nome já é bastante conhecido. Detentor de alguns prêmios, membro do Conselho de Cultura de Chapecó e presidente de sua Câmara de Letras, Furtado reuniu neste livro diversos poemas reveladores de sua inquietação interior e que registram momentos que vão do mais puro êxtase interior até as agudas preocupações de ordem social. Editado pela Fundação Catarinense de

Cultura, o livro tem, está dividido em cinco partes (A busca angustiada - O ansiado encontro - As lições de ausência - Conjeturas de beira-mar e Balancete de inquietações). Sobre ele assim se manifestou o crítico: “A melodia, o ritmo e a força dos poemas de Joel Furtado, configuram uma linguagem universal, calcada na sensibilidade e no culto à beleza, à pureza e às vibrações humanas mais autênticas. A mensagem irrompe de suas composições poéticas com força e vigor, comunicando fantásticamente os sentimentos de quem a escreveu, o que se funde com os sentimentos de quem as lê ou ouve, amalgaman-

do experiências numa cumplicidade espontânea. Poeta e consumidor, em opostos da criação poética mas em lugar central das sensações, vivem, cada qual no seu extremo, a experiência do poema."

Nascido em Lages, Joel Rogério Furtado é membro de várias entidades culturais e tem participado de antologias poéticas. É promotor de justiça e professor universitário.

Dois novos lançamentos merecem destaque: "Contos e Poemas", volume editado também pela Fundação Catarinense de Cultura e que reúne os vencedores dos concursos Virgílio Várzea (contos) e Luís Delfino (poesia), edição de 1979. Os contistas pu-

blicados são: Deonísio da Silva, Maria Odete Onório Olsen, Daniel Guizoni de Andrade, Luís Antônio Martins Mendes e Artêmio Zanon. Poetas: Eulália Maria Radtke, Ary João Longhi, Roberto da Silva Costa, Rosemary Muniz Moreira Fabrin e Celso Luís Teixeira. Ressalto a presença de Artêmio Zanon, sem desmerecer os demais, esse lidador incansável das letras lá no Sul.

O outro volume é "A Dança da Vida" (Ed. Lunardelli), de Zoraida H. Guimarães, autora de versos cheios de singeleza e que agradam muito aos leitores místicos e sentimentais. Com diversos livros publicados, ela tem participado de coletâneas e colabora em jornais.

## CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

A comunidade blumenauense teve o seu primeiro contato com o cinema no dia 11 de agosto de 1900, quando Eduard von Schultz exibiu no Teatro "Frohsinn" um cinematógrafo que despertou grande curiosidade.

O programa em grande destaque dizia o seguinte:

Teatro "Frohsinn" Grande apresentação do  
Cinematógrafo "Apollo"

Programa:

Sábado, 11 de agosto

1a. Parte

- 1 — Ethardo Jongleuse
- 2 — Ballet das 5 irmãs Barrison
- 3 — Cavalos banhando-se
- 4 — Rua em Mailand
- 5 — Imperador Guilherme II em Stettin
- 6 — Escola Hípica Militar
- 7 — Antes do banho das damas

### MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

2a. Parte:

- 8 — No atelier
- 9 — Pista aquática
- 10 — Liliputianos
- 11 — Os rapazes maus
- 12 — Forte de Tugela
- 13 — Rainha Victória da Inglaterra assiste à Parada
- 14 — Enfim sós

3a. Parte:

Fata morgana - fotos  
Vistas de Blumenau, Joinville e arredores.  
Depois da apresentação danças.

No dia 12, domingo, nova apresentação com o seguinte programa:

1a. Parte:

- 1 — Jiggs, o desenhista rápido
- 2 — Mercado de gado em Viena
- 3 — No hipódromo
- 4 — Ballet
- 5 — Stapellauf S.M.S. "Hertha"
- 6 — Um ladrão
- 7 — O elefante amestrado no Jardim Zoológico

2a. Parte:

- 8 — Chegada e saída do trem
- 9 — Imperador Guilherme II em Stettin
- 10 — Pista de Patinação em Berlim
- 11 — Rainha Victória da Inglaterra assiste à Parada
- 12 — Rua em Mailand
- 13 — No guarda-roupa do teatro
- 14 — Enfim sós

3a. Parte:

Fata morgana - fotos  
Vistas de Brusque, Itajaí e arredores. A Marinha Alemã.

Os escolares também tiveram o privilégio de assistir ao primeiro espetáculo cinematográfico em Blumenau que teve início às 8 horas da noite. O ingresso para adultos foi de 1\$000 Réis e para os escolares 500 Réis. A mesma programação foi apresentada em Indaial no salão de Arnold Lueders nos dias 18 e 19 de agosto do mesmo ano.

De 1900 a 1903, sucederam-se uma série de curtas metragens, porém nos dias 27 e 28 de fevereiro de 1904, sábado e domingo, no Teatro "Frohsinn" houve uma grande apresentação do cinematógrafo "Apollo" com o filme "Palco debaixo d'água". Sendo o cinema uma novidade e algo de fantástico para a época, todas as sociedades e salões abriram suas portas para a exibição dos filmes.

As exibições continuaram, e em 1908, além das exibições nos diversos salões, o Club Germânia (localizado ao lado do Edifício Edelweiss e recentemente demolido) que promovia apresentações cinematográficas em sua sede, as promovia também em outros locais como no Club Teutonia (hoje Ipiranga) no dia 14 de março à convite de H. Glaeser.

A grande apresentação cinematográfica sob a sigla de "Blumenau Unternehmen G.m.b.h.", foi noticiada pelo "Blumenauer Zeitung" de 9 de maio de 1908, com várias apresentações no salão de Richard Holetz (1). Depois das apresentações houve baile com a banda Werner. Já em 29 de agosto de 1908, as apresentações cinematográficas eram divulgadas por Ernst Haertel & Cia. A nota também previa apresentações às quintas-feiras, sábados e domingos no Teutônia, com baile aos domingos.

Numa combinação de filme e gramofone, os blumenauenses foram os primeiros a assistir o cinema falado através do "CINEMAROPHON" nos dias 11 e 12 de julho de 1908 no teatro "Frohsinn". Foram apresentadas comédias e duetos de vários trechos de óperas e operetas. Entre os filmes foram exibidos: "O carnaval de Veneza", um dueto do "Trovador" e um dueto da "Viúva Alegre". Também foram exibidas vistas das cataratas Vitória e o rio Zambezi na África.

A "Empresa Júlio Moura Cinematógrafo Pathé" também exibiu filmes em Blumenau, anunciando apresentações no dia 4 e 7 de novembro, quarta-feira e sábado respectivamente, com programa escolhido. Depois baile. As apresentações da "Empresa Júlio Moura Cinematógrafo Pathé", continuaram por muitos anos.

No dia 24 de fevereiro de 1909 apareceu a "Empresa Sylla Cinematógrafo Pathé", modelo 1908, com apresentações no salão Richard Holetz com música da banda Werner. O teatro de bonecos largamente difundido na época, foi apresentado pela "Empresa Sylla Cinematógrafo Pathé" através de quadros, num filme sob o título "Das Puppentheater des Fräulein Hold (O teatro de bonecos da senhorita Hold), onde as crianças pagaram 200 Réis pelo ingresso no Teatro "Frohsinn", no dia 18 de abril de 1909.

Com uma propaganda bem sensacionalista para a época — "Todos ao Teatro S. José! Ver para crer!", a "Empresa Julianelli" estreou na Casa S. José (Josephshause), segundo o "Blumenauer Zeitung" de 28 de agosto de 1909. O convite foi formulado em alemão e português. Julianelli foi muito conhecido no Vale do Itajaí, principalmente como cinegrafista ambulante. Julianelli além de projetar filmes alugados de outras empresas, também produziu seus próprios filmes, geralmente documentários. As apresentações e filmagens de Julianelli se prolongaram por muitas décadas, pois no dia 11 de dezembro de 1926, Julianelli apresentou em Indaial o filme de sua autoria que documentou a inauguração da ponte de Indaial. Também os 75 anos de Joinville e Blumenau foram documentados por Julianelli.

As apresentações continuaram e entre as mesmas foram exibidos filmes como "A história de Dreyfuss" no dia 27 de março de 1911 e "A destruição de Tróia" no dia 6 de julho do mesmo ano. Um filme muito comentado na época foi "O preço do álcool", apresentado

---

(1) No local do salão Holetz está o Grande Hotel

no dia 23 de julho de 1912. Tratava-se de um filme artístico com mil metros e dois quadros. A promoção esteve a cargo de Oskar Ruediger, e as apresentações foram no Teatro "Frohsinn".

As crianças também tiveram programação cinematográfica especial no dia 2 de junho de 1912, quando foram realizadas duas sessões: uma de tarde para as crianças e outra às 8 horas da noite para adultos com a seguinte programação:

- 1 — Jupe-culote ou saia-calça
- 2 — A vila dos Rosen
- 3 — Uma caçada ao marabuto
- 4 — O evento do ferro em Odessa
- 5 — Paisagens russas

As crianças pagaram 300 Réis e os adultos 500 Réis.

---

## HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

### II

Paul desembarcou no Rio, Blumenau passou com ele três dias conhecendo a Corte, foi à Alfândega procurar suas caixas, vindas em nome do Cônsul Sturz, mas não haviam chegado ainda, finalmente rumou para o Rio Grande do Sul onde chegou a 19 de junho.

Não teve muita sorte, já que os encarregados das três Colônias tinham seguido para Alemanha em busca de recursos e mais imigrantes que começavam a escassear. Ele deixou recomendações com os substitutos dos encarregados pedindo para que, assim que os mesmos regressassem da Alemanha comunicassem a ele na Corte que ele, então, viria para uma inspeção geral em nome da "Sociedade de Proteção aos Imi-

grantes Alemães no Sul do Brasil". Cinco dias depois, em outro veleiro, voltou ao Rio de Janeiro via Desterro aonde chegou a 4 de agosto de 1846, para, finalmente, dar andamento as suas pretensões coloniais, inda se hospedar com seu velho amigo Paul Schroeder, conforme combinara.

Logo de início passou por uma decepção. O Cônsul geral Sturz havia-lhe oferecido, seguramente, a perspectiva da regência das cadeiras de Química e Mineralogia numa escola politécnica do Rio de Janeiro, razão da compra de um laboratório completo para os cursos, enquanto estudava no Rio de Janeiro as possibilidades de pôr em prática seus planos colonizadores. Infelizmente logo na primeira semana Blumenau veio a saber que essa

escola não estava ainda organizada a ponto de poder aproveitá-lo, e que para um jovem estrangeiro desconhecido havia muito pouca probabilidade de encontrar um cargo adequado, mesmo, na academia militar existente.

Além disso, as cartas de recomendações de Sturz, e as caixas vindas com o nome de cônsul, revelaram-se antes prejudiciais que favoráveis. Viam-no como se fôra um emissário do Cônsul Geral Sturz, bem como seu representante, tanto assim que, havendo Sturz deixado vultosas dívidas, contraídas quando de sua última permanência no Rio de Janeiro, seus credores, sabendo da chegada do Dr. Blumenau se dirigiram a ele para cobrar as contas do cônsul relapso.

Ao chegar à Alfândega os dois volumes, vindos em nome do cônsul, estavam em via de serem apreendidos pelos credores, quando ele falando com o guarda-mor explicou:

— Sr. guarda-mor, estes volumes são meus de acordo com esta carta — ele mostrou a carta do cônsul dizendo que os volumes eram dele e porque tinham ido em seu nome — o sr. poderá ver que são meus.

Depois do guarda-mor ter lido a carta perguntou-lhe:

— O sr. tem alguém aqui no Rio de Janeiro, seu conhecido, que possa vir até aqui para testemunhar o que o sr. diz?

O Dr. Blumenau pensou um pouco e disse:

— Tenho sim, sr. é um ami-

go de infância lá da Alemanha e que está, atualmente, morando aqui na corte... ele tem negócios de agência de navios, é bem capaz que tenha lidado com o sr.!

— Como é o nome dele?

— Paul Schroeder.

— Sim, conheço muito. Poderá pedir ao sr. Paul para vir aqui amanhã?

— Sim! Sim senhor, sem dúvidas.

— Então, ... como é mesmo seu nome?

— Hermann Bruno Otto Blumenau.

— Bem, sr. Blumenau, espero os senhores aqui amanhã para resolver-mos, às dez horas da manhã.

— Muito bem sr. guarda-mor, por gentileza, seu nome?

— Carlos Eduardo Moraes, o sr. Paulo me conhece bem.

— Então até amanhã e muito obrigado.

O dr. Blumenau saiu da Alfândega e foi direto para o escritório de Paul e nervoso foi logo falando ao amigo:

— Paul, se eu fosse supersticioso diria que tinha desembarcado no Brasil com o pé esquerdo.

— Mas por que Blumenau? Olha que o povo aqui é bastante supersticioso, mas o que é que houve?

— Esse Cônsul Sturz é um trapalhão, saiu daqui cheio de dívidas e agora meu laboratório está preso na Alfândega porque veio em nome dele...

— Mas tu tens provas que ele é teu? O guarda-mor é meu ami-

**CREMER** Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.



gô. Tudo depende das provas, Blumenau!

— Tenho sim. O guarda-mor pediu para você ir lá amanhã comigo na Alfândega...

— Ah!... então isto não é mais problema meu amigo, amanhã mesmo tua mercadoria estará desembaraçada, vamos tirá-la de lá e pôr em nossos armazéns.

— Muito obrigado Paul. Amanhã depois do desembarço eu vou procurar na Corte, o Dr. Muniz de Aragão, para saber da tal escola politécnica que o cônsul falou, ver da possibilidade da minha nomeação como professor e mandar o laboratório para ela.

— Por que não vamos a Corte agora, aliás, vamos almoçar e depois do almoço lá pelas duas da tarde vamos até a corte procurar o Dr. Aragão e se resolvermos, poderemos mandar direto para a escola.

— Espera Paul! Não é assim. Tudo depende ainda de minha nomeação para professor e isto, sem dúvidas, demorará algum tempo. Podemos sim ir a Corte e entregar a carta do Embaixador Du Pin de Almeida e ver se há possibilidade de minha nomeação, isto sim, poderemos fazer hoje.

— Então vou assinar uns papéis e logo vamos almoçar.

Eram duas e meia da tarde quando terminaram o almoço. Paul olhou o relógio e disse:

— Duas e meia, boa hora para irmos a Corte!

Paul Schroeder tinha bons amigos na Corte e não foi difícil de marcar entrevista com o Dr. Muniz de Aragão. Mais ou menos às quatro horas eles eram recebidos pelo dr. Egas Muniz Barreto de Aragão e Menezes, mas, ele gostava de ser chamado, ape-

nas, por, Dr. Muniz de Aragão.

Quando o dr. Blumenau entregou-lhe a carta ele sorriu e deu a boa notícia:

— Muito prazer em conhecê-lo, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, e o sr.?

— É meu amigo e velho companheiro de ginásio, Paul Schroeder, dr. Muniz de Aragão.

— Pois muito prazer em conhecê-los, e depois de amanhã, o dr. Hermann Bruno Otto Blumenau terá aqui conosco, o nosso querido embaixador Miguel Calmon du Pin e Almeida!

—Que boa notícia Dr...

— Trate-me, por favor de, apenas, Muniz de Aragão, está bem!

— É de fato uma excelente notícia para mim, e é claro, para todos os amigos do embaixador.

— Sem dúvida, Dr. Blumenau!

— Ótimo! Também tenho o nome muito comprido e gosto que me chamem, exatamente, como o sr. me chamou.

— Então muito bem. Mas, o que querem os srs. de mim, estou a suas ordens.

— Bem, dr. Muniz de Aragão, já que o embaixador Miguel Calmon vai regressar, somente vou entregar-lhe a carta de sua excelência para o senhor e o que tenho a tratar, tratarei com ele, sem incomodá-lo, não acha melhor assim, dr. Muniz de Aragão?

Paul não se conteve e deu seu palpito:

— Blumenau, é melhor consultar o Dr. Muniz Aragão sobre a tal escola politécnica se, realmente, estão fundando ou instalando alguma aqui na Corte.

— É de fato, você tem razão

Paulo. Dr. Muniz de Aragão, estão criando alguma escola politécnica, atualmente, ou mesmo há algum tempo atrás?

— Não! Há algum tempo atrás, cogitou-se, mas tudo ficou apenas em idéias, somente idéias. Qual a cadeira que o Dr. Blumenau desejava lecionar?

— Eu trouxe um laboratório da Alemanha para a cadeira de Química e Mineralogia.

— Ah!... Muito bem. Mas, infelizmente as informações do Cônsul Sturz não procedem, Dr. Blumenau. E mesmo que procedessem, ele foi leviano ao informar-lhe dessa possibilidade. Veja bem, Dr. Blumenau. Nós temos vários professores brasileiros e mesmo portugueses, disponíveis, e alguns estão na Academia Militar em pleno exercício de suas funções, seria para nós difícil nomearmos um estrangeiro, recém-chegado, preterindo-os, não acha o senhor que surgiria problemas com a sua nomeação, se possível?

— Sem dúvidas Dr. Muniz de Aragão, sem dúvidas!

— Mas, com a chegada do embaixador Miguel Calmon, há possibilidade do senhor vender seu laboratório para o governo. É um assunto que o senhor deverá estudar com a chegada do nosso embaixador, seu amigo!

— Muito bem, Dr. Muniz de Aragão, muito agradecido pela sua atenção e conselhos que vou segui-los na íntegra, muitíssimo grato.

Paul Schroeder e o Dr. Blumenau saíram do Palácio da Cor-

te e foram direto para o escritório, de Paul e ao chegarem Dr. Blumenau desabafou:

— Paul, esse cônsul é um bom trapalhão e até agora só me criou problemas.

— É, chegaste ao Brasil e saltaste com o pé esquerdo, meu amigo.

— Tu acreditas, Paul, nestas feitiçarias, Paul?

— Eu não! Mas, se em meu lugar estivesse aqui contigo um brasileiro ou um português, garanto que te levariam a um terreiro pra te benzer, Blumenau!

— É bem verdade Paul, que nasci perto do Brocken com seus 1.142 metros de altitude e muitas bruxarias, porém tudo isso não passa de velhas lendas meu amigo e eu, felizmente, nada tenho de supersticioso. É o Cônsul Sturz que, realmente, é um bom trapalhão e me botou numa boa enrascada.

— O embaixador Calmon vai comprar o laboratório e poderás até ganhar uns miúdos, meu amigo. Deixa que eu conduzo a venda quando chegar a oportunidade.

— Acho melhor, meu amigo, porque senão acabo perdendo dinheiro.

### III

O Dr. Blumenau teve notícias da chegada do embaixador Miguel Calmon e aguardou duas semanas para depois ir procurá-lo, tão logo Paul, através de seus amigos em palácio, ter se informado que ele já assumira suas

**SUL FABRIL** Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

novas funções e estava em franca atividade.

O dr. Blumenau foi recebido pelo recém-chegado embaixador com muita alegria, como se fosse sem velhos amigos, mas, tão logo chegou ao Brasil o Dr. Miguel Calmon teve conhecimento que uma leva de imigrantes renanos estava perambulando pela Corte, a mercê de seus próprios destinos, abandonados por agentes de imigração inescrupulosos. Assim que recebeu o dr. Blumenau, o embaixador já ministro, servindo junto ao Imperador Dom Pedro II, como seu conselheiro, e entre vários assuntos estava para ser resolvido com certa urgência, exatamente, o caso dos imigrantes renanos abandonados na Corte.

Depois dos cumprimentos o embaixador foi imediatamente ao assunto:

— Dr. Blumenau, fui surpreendido ao chegar aqui e assumir minhas novas funções com um assunto de imigração de certa gravidade e vou discuti-lo com o senhor para encontrarmos uma solução com relativa urgência.

— Pois não, Dr. Miguel Calmon, mas, qual o assunto?

— Infelizmente, Dr. Blumenau, a Corte está infestada de numerosos agentes de imigração de todas as categorias e entre eles proliferam, na sua maioria, verdadeiros desonestos e porque não dizer, os desumanos negociadores de escravos brancos...

— Será possível!

— É possível sim dr. Blumenau e sem dúvida, alguma culpa cabe também aos Cônsules Alemães. Vou lhe dar o relatório do nosso serviço de imigração sobre o assunto, peço ao amigo, estudá-

lo depois de um exame apurado dos fatos e apresentar-me uma solução o mais urgente possível. Desculpe já na nossa primeira audiência estar dando-lhe um trabalho tão desagradável, peço-lhe mil desculpas, Dr. Blumenau.

— Senhor Ministro Miguel Calmon, nada tem de pedir-me desculpas e asseguro-lhe que vou tratar do assunto com o máximo interesse e dentro do menor prazo possível.

— Muito obrigado dr. Blumenau, e tem mais, o senhor tem carta branca para resolver tudo e vou-lhe dar uma carta de apresentação para o nosso chefe de imigração dar-lhe toda assistência possível e tudo mais que necessitar para boa solução deste assunto.

— Dentro de uma semana, sr. Ministro, entregar-lhe-ei um relatório e as soluções para este assunto.

— Sua disposição, Dr. Blumenau, vai-lhe fazer muito bem quando de fato, começar sua colonização, porque os "colonizadores" aqui na Corte são vistos com muita reserva, é claro que não será o seu caso, que é um profundo conhecedor do assunto e temos nós, muito interesse em sua futura colônia Dr. Blumenau.

— Muito obrigado Dr. Miguel Calmon, voltarei dentro de uma semana.

— Tem aqui o senhor não só o relatório do serviço de imigração bem como uma carta para o inspetor dar-lhe toda a assistência possível. Desejo-lhe, Dr. Blumenau, boa sorte e até breve.

#### IV

Depois de passar uma noite insone lendo e relendo o relatório

rio, Dr. Blumenau, apavorado com o que lera, viu logo que se tratava, sem dúvida, da mais vergonhosa escravidão branca praticada, impunemente, por agentes de companhia de navegação que tinha o máximo interesse nesta vergonhosa transação comercial, transformando seus patrícios em verdadeiros escravos, deixando-os ao abandono e a sua própria sorte em terras estranhas.

Na manhã seguinte foi logo ao encontro do inspetor de Imigração e teve então a certeza do que previra, depois das primeiras palavras do inspetor:

— Pela carta do Ministro Miguel Calmon é então o senhor a pessoa encarregada de resolver este assunto?

— Sim, senhor inspetor, gostaria que relatasse-me tudo, como realmente aconteceu, ou tem, comumente, acontecido. Trate-me tão somente por Blumenau.

— Bem tratar-lhe-ei por Dr. Blumenau, como trata em sua carta nosso ministro.

— Pois sim, está bem, como queira, sr. inspetor.

— Dr. Blumenau, o que é que há com seu governo lá na Alemanha que deixa sair seus patrícios sem qualquer fiscalização e sem orientação, entregues a aventureiros que os negociam como se fossem escravos?

— Não resta a menor dúvida que o senhor inspetor tem suas razões, é de fato uma vergonha...

— Vergonha será quando o senhor verificar o estado de alguns deles que vivem pedindo es-

colas, maltrapilhos, barbados, e na maioria doentes!

O inspetor da Alfândega levou o Dr. Blumenau até o local, perto de uma hospedaria, onde eles se encontravam, e o aspecto era desolador, tendo o dr. Blumenau ficado envergonhado do estado físico e moral que se encontravam seus conterrâneos.

— Senhor inspetor! Não acredito no que vejo, parece uma visão, um pesadelo que jamais pensei encontrar em toda minha vida. Estas pobres criaturas vão morrer, tamanha a miséria em que se encontram! E a nossa embaixada o que diz de tudo isto?

— Seu Consulado sabe e conhece tudo muito bem e alega que nada poderão fazer porque eles vieram, praticamente, como se fossem clandestinos e não querem retornar a sua origem de forma alguma. É pelo menos o que alegam seus cônsules.

— Eu vou até a embaixada falar com o embaixador.

— Não adianta, Dr. Blumenau. Procure o seu consulado, que é o caminho mais certo, e mais curto para tentar, olhe bem Dr. Blumenau, tentar resolver! Porque eu acredito que o sr. jamais conseguirá resolver, há não ser que apele para o Núncio Apostólico, D. Baldini, que já resolveu, em parte, com imigrantes de outras nacionalidades, é um padre humanitário e extremamente piedoso.

— Não sr. inspetor. Primeiramente vou falar com o Ministro Miguel Calmon e aconselhar-

**KARSTEN** Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

me com ele quais as medidas a tomar.

— É... não deixa de ser um bom caminho. Não quer falar com eles, Dr. Blumenau? Não quer ouvi-los?

— Senhor inspetor, conheço desde lá da Alemanha tudo o que está acontecendo aqui com estas pobres criaturas. Por mais de uma vez, quer por relatórios, quer pelos jornais alemães, adverti o governo alemão, e estou vendo agora que toda minha luta foi inútil. O resultado está bem aqui a nossa frente nestas pobres criaturas que foram vítimas de agentes de imigração inescrupulosos e desonestos.

Do encontro que manteve com o Ministro Miguel Calmon e Dr. Blumenau ficou sabendo que todos aqueles seus patrícios que viu no pior estado físico foram seduzidos pelas maquinações vergonhosas e informações falsas da Casa Delrue & Cia. de Dunquerque e seus parceiros, tinham chegado ao Rio de Janeiro várias centenas de renanos, quase mortos e muitos deles enfermos. Haviam ficado a mercê de si próprios, não sabiam como se arranjar, caindo na mais triste penúria e foram forçados a se dirigirem para uma colônia do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, a ser instalada no vale ainda pantanoso e insalubre de Macaé, ao norte de Cabo Frio. O Dr. Blumenau estava convencido de que essa gente sucumbiria ali, onde ele os encontrou. Efetivamente, dos 140 colonos que se deixaram iludir pelos agentes do Dr. Saturnino, 23 morreram nos primeiros oito meses, e os restantes ficaram incapacitados para o trabalho. Os que conseguiram fugir

encontravam-se à mendicância no Rio de Janeiro. O Dr. Blumenau, numa tentativa desesperada para salvar seus patrícios, dirigiu-se aos cônsules dos reinos e Estados alemães, inclusive o prussiano, solicitando-lhes assistência, sendo porém, tratado desatenciosamente. Lembrou-se então do que ouvira do inspetor da Alfândega sobre o Núncio Apostólico e procurando-o encontrou, finalmente, apoio. O núncio conseguiu que cerca de 300 desses imigrantes fossem transportados para Santa Catarina a expensas do governo brasileiro e ali constituíram-se, mais tarde, no tronco dos colonos da Armação e de Santa Isabel, ao longo da estrada que conduz a Florianópolis e Lajes. O Dr. Blumenau sacrificou algum dinheiro seu nesse empreendimento e, segundo parece, revelara-se tão zeloso que chegou a ser ameaçado de prisão e expulsão. Porém teve mais tarde uma compensação por tantos aborrecimentos e dissabores, quando muito tempo depois visitou Santa Isabel em uma de suas viagens a Santa Catarina, muitos de seus protegidos expressaram-lhe sua gratidão por tudo que por eles fizera.

Naquela ocasião o Dr. Blumenau elaborou projetos para uma colonização em grande estilo e os encaminhou ao Governo Imperial. Tais projetos foram bem recebidos e considerados competentes e vantajosos. Os ministros respectivos receberam-no amavelmente e deram-lhe esperanças de vê-los aprovados pela Assembléia Legislativa da Província de Santa Catarina. Algum tempo depois todos foram rejeitados, o que não foi nenhuma sur-

presa para o Dr. Blumenau, que já sabia da má vontade da referida assembléia por imigração.

V

Alguns dias depois o Dr. Blumenau depois de despedir-se do Ministro Miguel Calmon comentava com ele:

— Não tem sido fácil, sr. ministro, o meu começo no Brasil, e muita desilusão quanto a imigração alemã aqui em vosso país pela desorganização que se encontra por parte do governo alemão que não toma nenhuma medida saneadora para coibir tais negócios que se tornaram vergonhosos por parte de agentes estrangeiros inescrupulosos.

— Dr. Blumenau eu vou lhe dar um conselho como amigo...

— Acredite sr. Ministro, que acatarei com máximo prazer seus conselhos que sempre me tem sido muito úteis.

— Preocupe-se, Dr. Blumenau, com a sua futura colonização, já que esses problemas que acaba de comunicar-me, são mais do governo alemão do que seus, e nós já os relatamos ao seu governo para futuras providências.

— Tem toda razão sr. Ministro. Vou providenciar minha segunda viagem ao Rio Grande do Sul, de inspeção as colônias alemãs de lá...

Aliás, Dr. Blumenau, segundo

o tratado do Governo da Província do Rio Grande do Sul, de 1824, quando permitiu a vinda dos primeiros colonos alemães para o Vale do Rio dos Sinos, seu primeiro ponto de fixação, espalhando-se depois os novos povoados, rapidamente, pela encosta da Serra. Foram-lhes cedidas pequenas propriedades, sob condições vantajosas, tanto pelo governo como por empresas particulares, então constituídas para promover a colonização, mediante o emprego do trabalhador livre, a quem se proibiu a utilização de braços escravos. Parece-me que alguns colonos alemães estão utilizando escravos, é bom que o amigo inspecione e verifique este assunto.

— Sem dúvidas sr. Ministro, porém, minha missão é tão somente de inspeção, sem o direito de tomar medidas executivas e saneadoras, tão somente relatar os fatos a "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil" que por sua vez tomará as medidas que achar conveniente, porém, uma cópia de meu relatório trarei para o sr. Ministro examinar, está bem assim?

— Será o suficiente e muito lhe agradeço pela colaboração que nos prestará. Estimo, portanto, que faça muito boa viagem.

(Continua)

---

## BIBLIOTECA "DR. FRITZ MUELLER"

Depois de um trabalho intensivo de restauração de algumas obras assim como renovação de todo o fichário de catalogação, trabalho este que teve a colaboração Serviço de Bibliotecas Integradas, da UDESC, a Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" que esta Fundação mantém há muitos anos em prestação de serviço público voltará ao que era antes da enchente de julho de 1983. Numerosas obras, inclusive valiosas coleções recebidas por doação, estarão, a partir do dia 7 de março, à disposição dos usuários para a leitura ou pesquisa. É uma boa notícia que queríamos deixar registrada nesta nossa edição de nr. 1/84.

# DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Com o maior dos espantos vimos hoje à tarde um bote com uma pequena vela que parecia dirigir-se ao nosso encontro, mas não nos conseguiu alcançar.

Nós devíamos pois estar muito próximo de terra, com que o capitão parecia concordar, porque ele mandou logo mudar o curso, em vêz de S.W. como antes, para S.O. Nós poderíamos ter afinal facilmente naufragado, pois logo a seguir, pelas 4 horas da tarde, vimos realmente terra e até muito perto. Vimos 4 montes dos quais sobre um havia uma torre.

Esta vista, que nós já há tanto tempo sentíamos falta, alegrou todos os passageiros, mas também nos aborrecemos por outro lado porque o nosso capitão é tão descuidado e navegou errado; ele parece agora apreciar bastante a aguardente, o que antes nós não notávamos, como também vive em discórdia com o piloto, o que resultou em nós termos nos aproximado tanto da terra e facilmente poderíamos bater em recifes ou bancos de areia.

**Sábado, 6 de dezembro de 1862**

Tempo nublado mas vento bom.

**Domingo, 7 de dezembro de 1862**

Chuvoso e vento variável. Hoje voavam em torno de nosso navio muitas borboletas (noturnas) as quais provavelmente o vento trouxe da terra ainda próxima, até aqui.

Hoje à tarde nós vimos a curta distância de nós, uma comprida faixa amarela na água, a qual teria bem um quarto de milha de comprimento. O capitão, ao qual perguntamos sobre isto, disse que tinha medo destes lugares, mas não se sabe até hoje o certo o que é na realidade, segundo sua opinião são provavelmente bancos de areia e esta região, pela qual passamos, chama-se na carta náutica "o pequeno mar vermelho".

**Segunda-feira, 8/12/1862**

Tempo bom, mas o vento não está bem favorável, entretanto o mar está muito agitado.

Hoje nós passamos o Sol e jogamos nossas sombras pela primeira vêz para o sul.

**Terça-feira, 9 de dezembro de 1862**

Tempo bom e vento bom.

**Quarta-feira, 10 de dezembro de 1862**

Tempo nublado e um pouco chuvoso. Vento muito bom.

**Quinta-feira, 11 de dezembro de 1862**

Tempo nublado mas muito boa brisa. Com este vento espera-

mos até domingo dia 14, alcançar nosso destino, o que Deus permita conceder.

**Sexta-feira, 12 de dezembro de 1862**

Tempo bom, mas fresco e boa brisa.

**Sábado, 13 de dezembro de 1862**

Tempo bom e mais quente do que ontem e vento bom, até ao anoitecer, quando repentinamente rebentou uma tormenta, imediatamente foram também arreadas todas as velas, exceto a vela da gávea, a qual entretanto também foi arreada pela metade.

**Domingo, 14 de dezembro de 1862**

Passamos uma noite terrível, o temor da morte nos rodeava, durante a noite toda a terrível tormenta rugia. Monstruosas vagas que sobrepujavam bem alto o navio e a cada momento ameaçavam nos cobrir, jogavam o navio ora bem alto, ora em terrível abismo, de modo que todas as juntas do barco estalavam. Todos pensavam que havia chegado o seu último momento; quando por volta da meia-noite ouviu-se um tremendo estalo e ao mesmo tempo um dilúvio de água derramou-se pela proa; corremos todos no maior pavor para a escada, para saber a causa, mas nos foi dito que um vagalhão havia varrido por cima de bordo, causando algum estrago, ao mesmo tempo que provocava o estrondo, um pedaço de tábua fôra arrancada de bordo e varias coisas derrubadas. A tormenta ainda perdurava e vivava pavorosamente no madeirame. Esta noite aprenderam a rezar mesmo aqueles que antes eram completamente descrentes, também eu procurei consolo na oração e o encontrei, e mantive-me bem calmo. A tormenta durou todo domingo, mas não recebemos mais muitos vagalhões sobre bordo. O mar possui uma feição assustadora, embora bela, como eu ainda não havia visto, por toda volta do navio rolavam grandes montes e alternavam novamente com profundos vales.

Soubessem meus queridos pais em que perigo eu me encontrava, como eles se preocupariam. Ao anoitecer o vento ficou mais fraco, mas o mar continuava agitado. As velas foram novamente içadas, para que não derivássemos mais, pois já passamos a latitude de Rio Grande e cruzamos ora para o norte ora para o sul.

**Segunda-feira, 15 de dezembro de 1862**

Hoje o mar acalmou-se de novo rapidamente, pois perto do meio-dia havia quase calma e nós nos recuperamos novamente um pouco do susto de ontem. Está um tempo bom e quente e se houvesse um pouco de brisa poderíamos alcançar o porto hoje. Muitas borboletas estão alvoaçando em torno do nosso navio e flutuando na água.

Olhando por peixes vimos um objeto escuro e redondo flutuando calmamente na água, no qual em breve reconhecemos uma tar-

**E. A. V. CATARINENSE** Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC



taruga adormecida; imediatamente deveria ser arreado um bote e buscar este petisco para nós, quando ela de repente, já próxima ao navio, levantou a cabeça para o alto e mergulhou bem depressa, aparecendo algumas vezes na superfície e depois desapareceu.

#### **Terça-feira, 16 de dezembro de 1862**

A noite passada houve novamente uma tormenta, a qual entretanto não durou muito.

De manhã está um tempo bom e também alguma brisa. Logo nós veremos terra, a qual no princípio apresentou-se sob forma de um pequena mancha branca como uma nuvem no horizonte, pouco a pouco, entretanto, aumentava em altura e largura e permitia reconhecer várias colinas que pareciam bem brancas e muito semelhantes a nuvens. Mais tarde também descobrimos manchas escuras que então sempre se alargavam mais e parecem ser matas. Pelo meio-dia subiu do lado da terra (da qual ninguém se satisfazia em olhar) uma tempestade a qual trouxe também vento forte e chuva.

#### **Quarta-feira, 17 de dezembro de 1862**

Nós cruzamos em frente a terra, mas até agora não vemos nenhum farol. A terra parece ser desabitada, pois não se vê nenhuma moradia humana, porém só dunas brancas e atrás destas matas ouvimos o trovejar da arrebentação na costa.

#### **Quinta-feira, 18 de dezembro de 1862**

Tempo bom e quente. Ainda hoje cruzamos diante da terra; acontece que nós não temos que procurar o porto aqui e sim mais para o sul.

#### **Sexta-feira, 19 de dezembro de 1862**

Tempo bom e quente, mas até o meio-dia calmaria, só a tarde aparece um pouco de brisa e logo após 4 horas nós vimos os faróis e também o porto de Rio Grande. Mas nós não podíamos entrar porque o nível da água do porto estava muito baixo, por isso à noite voltamos para o mar.

#### **Sábado, 20 de dezembro de 1862**

Tempo nublado e chuva. À noite passada nos afastamos demais da terra, e como hoje o vento está fraco e desfavorável não alcançaremos o porto ainda hoje.

#### **Domingo, 21 de dezembro de 1862**

Novamente quase sempre calmaria, de modo que hoje também não podemos velejar para o porto. Por isso o capitão nos fez a proposta de que se nós arrecadássemos a metade das despesas, mandaria chamar um rebocador. Todos estávamos de acordo com isto e assim foi içada a bandeira, mas durante longo tempo não apareceu nenhum rebocador, só pelas 5 horas surgiu um destes e nos puxou para o Rio Grande, onde ancoramos. No rebocador encontravam-se vários pretos os quais causaram uma grande hilariedade entre nossos passageiros, porque esta visão ainda lhes era algo no-

va; também vieram imperiais funcionários da alfândega a bordo, que selaram as mercadorias dos comerciantes e dos quais um deles ficará no navio durante a noite. O mesmo é como os demais, um português que não entende nenhuma palavra em alemão, entretanto sabe um pouco de francês, assim eu pude me comunicar com ele, através dos meus pequenos conhecimentos de francês; ele é um homem bastante amável, como parecem ser todos os portugueses. Hoje a noite reina grande alegria entre todos nós, pois finalmente estamos no nosso destino, com saúde e com nossos pertences, pelo que não podemos agradecer o suficiente a Deus, que nos salvou de tantos perigos.

#### **Segunda-feira, 22 de dezembro de 1862**

Está fazendo tempo bom novamente e vimos pela manhã a costa bem perto de nós. Esta é bastante rasa e encontram-se no lado esquerdo apenas umas poucas casas e choupanas na praia, no outro lado estão os dois faróis e vários prédios maiores e menores, diante de nós vemos a alguma distância Rio Grande e atrás deste, onde o porto propriamente se encontra, vêm-se os mastros dos navios a elevarem-se sobre as casas não muito altas da cidade.

Somente à tarde o vento estava favorável para velejar para o porto propriamente, o que se deu pelas 3 horas da tarde. Para lá nos guiou um piloto que chegou hoje de manhã a bordo (um português). Logo tínhamos Rio Grande diante de nós, a qual apresentava um aspecto encantador. As casas são na maioria baixas de construção com os telhados vermelhos como que pintados, vêm-se algumas torres baixas e grossas e a esquerda diante da cidade um pasto de um verde bonito, onde pastam o gado e cavalos, atrás disto estava o panorama todo de dunas brancas emoldurando, como nós já as havíamos visto à vários dias do mar e o que empresta a paisagem aqui algo de rara delicadeza.

Diante do porto navegam pequenos barcos com 2 velas triangulares, os quais dão alguma vida a cena.

#### **Terça-feira, 23 de dezembro de 1862 (12)**

Hoje ficamos ainda até ao anoitecer diante da cidade e só pelas 7 horas fomos em direção da mesma, onde ancoramos em frente da alfândega.

Os prédios desta cidade são bastante baixos, entretanto em parte bastante elegantes e a maioria das casas daqui possui balcões.

(12) Escrito na fragata para São Lourênço. No original Fatte.

**LOJAS HERING S.A.** Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;  
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

